

O ERRO LINGÜÍSTICO EXISTE?

Existe erro lingüístico? Quem fala “nós vai”, “o pessoal foram”, “a gente somos”, fala errado? Qual é o objetivo do ensino de língua portuguesa na educação básica: fazer que todos digam “os meninos quiseram” ou aceitar que se possa dizer (e escrever) “ozmininu quiz”? Estas e muitas outras questões correlacionadas ocupam hoje o centro dos debates sobre políticas de ensino de língua na escola brasileira. Na arena confrontam-se não apenas argumentos, mas principalmente posições teóricas e vaidades intelectuais. Um esquema da disputa – bastante simplificado – é apresentado abaixo. Considerando todos esses elementos – e utilizando os textos apresentados no anexo como ponto de partida – redija uma DISSERTAÇÃO que tenha, por objetivo, afirmar uma posição em relação ao que deve ser feito, por um professor de Português, em sala de aula, nos dias de hoje. Observe, particularmente, que seu texto circulará entre os defensores de uma das três posições declinadas abaixo, e que ele deve, portanto, a) analisar os argumentos apresentados pelos adversários (de forma a provar sua inconsistência ou sua impertinência) e b) reforçar os argumentos apresentados pelos seus correligionários, acrescentando novas evidências de sua relevância e de sua veracidade.

Posição A

A língua portuguesa é única e singular. Do ponto de vista sócio-histórico, todas as variantes do português são espúrias e devem ser substituídas pelo português prescrito pelas gramáticas e pelas autoridades gramaticais, sob o risco da dispersão lingüística, da incomunicabilidade e, mesmo, da desintegração nacional. O papel do professor de Português é fazer que o aluno abandone sua variante doméstica, repleta de erros, de ambigüidades e de imprecisões, e a substitua pelo português praticado pelos maiores escritores da língua portuguesa. A adesão a esta “língua de cultura” traz inegável benefício intelectual: o aluno passa não apenas a falar como se deve (com clareza, elegância e estilo), mas a pensar (com inteligência, limpidez e profundidade) com as categorias que vêm sendo construídas ao longo da História. O professor deve ser, pois, o ourives da língua, lapidando a língua do aluno e eliminando todas as suas impurezas. Permitir que o aluno conserve sua variante lingüística é subestimar sua inteligência, compactuar com a mediocridade e falsificar a verdade. Nenhum professor de Física aceitaria, por exemplo, que o aluno, depois de onze anos de escola, persistisse acreditando que o Sol gira em torno da Terra. Da mesma forma, o professor de Português deve exigir que o aluno abandone seu universo de crenças pessoais (ou comunitárias), que já se provou limitado e equivocado, para abraçar a língua (revolucionária, libertária) dos que já provaram sua inteligência.

Posição B

O erro lingüístico existe, e é caracterizado pelo desvio em relação à expectativa criada pelo uso. A língua portuguesa comporta muitas variedades, todas elas legítimas e de idêntica complexidade, mas nenhuma delas pode ser utilizada em todas as situações de fala. O bom falante não é aquele que domina e pratica (apenas) a variedade padrão da língua portuguesa; é aquele que domina o maior número possível de variedades, e sabe empregá-las eficazmente em todas as situações de interação verbal. Em casa, fala a variedade doméstica; em uma situação formal, usa um registro menos coloquial; com os economistas, fala economês. Em síntese: adapta sua fala à audiência. Nessa perspectiva, o papel da escola seria fazer que o aluno tivesse contato com o maior número possível de variedades, e que pudesse experimentá-las nas mais diferentes situações de fala. Ao professor caberia fazer que o aluno expandisse seu

conjunto de competências e habilidades relativas à linguagem, e não que simplesmente substituísse sua variedade doméstica por qualquer outra. O aluno deveria ser, pois, um poliglota em sua própria língua. A escola não deveria, portanto, ensinar apenas a norma culta, mas é certo que a norma culta também deveria ser ensinada. Apesar de seu caráter convencional, o domínio da norma culta – como o das outras variedades do português – seria dever de todos, para que todos possam ter acesso aos textos que, por força da cultura, veiculam informações relevantes para a vida na sociedade brasileira.

Posição C

O erro lingüístico não existe; o que existe é o preconceito lingüístico. A língua portuguesa não é uma unidade, mas uma dispersão, e a diferença entre as variedades do português não é apenas uma questão de fenômenos léxico-sintáticos, mas, sobretudo, de visão do mundo. Cada variedade da língua portuguesa encerra uma forma de apreender a realidade e não é possível a coabitação pacífica de diferentes variedades em um mesmo falante. Ninguém pode ser poliglota em sua própria língua, porque não há como conciliar as diferentes formas de recortar a realidade, principalmente porque, em uma mesma língua, elas são antagônicas e negam-se umas às outras. As variedades não são roupas, que se trocam de acordo com a situação; são a própria pele (identidade) do falante e, neste sentido, são insubstituíveis a menos que ocorra um processo – sempre traumático e ideologicamente marcado – de desapropriação de uma fala. A variedade materna será sempre identitária e deveria ser ela o objeto de trabalho em sala de aula. Caberia ao professor, pois, investigar a variedade do aluno, explicitar os seus mecanismos de formação e estruturação, explorar de que forma essa variedade recorta a realidade, para fazer que o aluno amplie seu conjunto de conhecimentos sobre sua própria identidade lingüística. À escola caberia prover o aluno, portanto, de cidadania lingüística, fazendo que todas as variedades tenham o mesmo estatuto. A escola comprometida com uma educação realmente libertária não pode subscrever a idéia de que haja uma norma “padrão”, ou uma norma “cultura”, ou mesmo uma “norma” da língua portuguesa. Não há fundamento científico nos critérios de eleição desta ou daquela variedade como variedade oficial do português, e todas as variedades deveriam ser igualmente admitidas. Documentos oficiais deveriam ser vertidos em todas as variedades da língua, e a pluralidade lingüística deveria ser resguardada como é resguardada a pluralidade de crenças, de cultos e de posições políticas. Qualquer outra estratégia – como a de ensinar a norma culta ou outra variedade qualquer (não-materna) – seria tentativa de higienização espúria da complexidade e da diversidade lingüística e, principalmente, instrumento de homogeneização (de opressão, portanto) lingüística e cultural.

Pérolas

(mensagem recebida pela Internet)

Olhem só a que ponto chegamos !!! Essas pérolas fazem parte das redações dos estudantes que participaram este ano (2002) do ENEM¹.

Reparem na excelente ortografia aplicada em várias destas frases...

"Já está muito de difícil de achar os pandas na Amazônia." (Que pena. Também ursos e elefantes sumiram de lá.)

"A natureza brasileira só tem 500 anos e já está quase se acabando." (Foi trazida nas caravelas, certo?)

"O cerumano no mesmo tempo que constrói também destrói, pois nós temos que nos unir para realizarmos parcerias juntos." (Não conte comigo!)

"Na verdade, nem todo desmatamento é tão ruim. Por exemplo, o do Aeds Egípte seria um bom benefício para o Brasil" (Vamos trocar o fumacê pelas moto-serras!)

"Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais uns aos outros". (Com algumas diferenças básicas...)

"...eles matam não somente os animais mas também os matança de aves peixes também precisam acabar

"... os pequenos animalzinhos morrem queimados e asfixados." (Pelo menos esse tem bom coração.)

"Hoje endia a natureza..." (Muito bem! não usou m, e sim n, porque m só antes de p e b, não é mesmo!)

"No paíz enque vivemos, os problemas cerrevelam..." (Outro erro acertado, usou 2 erres. Muito bem!)

"...menos desmatamentos, mais florestas arborizadas." (Concordo! De florestas não arborizadas, basta o Saara!)

"...provocando assim a desolação de grandes expécies raras." (Vocês não sabiam que os animais também tem depressão? Quanto ao resto, não tem como justificar!)

"Nesta terra ensi plantando tudo dá." (Isto deve ser o português arcaico que Caminha escrevia...)

"Isso tudo é devido ao raios ultra-violentos que recebemos todo dia." (Meu Deus... Haja pára-raio!)

"Tudo isso colaborou com a extinção do micro-leão dourado." (Quem teria sido o fabricante? Compaq ? Apple ? IBM?)

¹ A mensagem não corresponde aos fatos. O tema de redação do ENEM 2002 foi "Eleições". Todos os exemplos listados abordam a questão do meio ambiente, que foi o tema do ENEM 2001.

PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Ronaldo Martins (<http://www.ronaldomartins.pro.br>)

"Imaginem a bandeira do Brasil. O azul representa o céu, o verde representa as matas, e o amarelo o ouro. O ouro já foi roubado e as matas estão quase se indo. No dia em que roubarem nosso céu, ficaremos sem bandeira." (Ainda bem que temos aquela faixinha onde está escrito Ordem e Progresso.)

"Ultimamente não se fala em outro assunto anonser sobre o araras azuls que ficavam sob voando as matas." (Talvez por terem complexo de Urubus!)

"...são formados pelas bacias esferográficas." (Imaginem as bacias da BIC...)

"Eu concordo em gênero e número igual. (Eu discordo!)

"Os homens brasileiros, estão acabando com tudo, as árvores para desmartar para fazer tauba e outra coisa." (Alguém aí sabe o que é tauba?)

"Precisa-se começar uma reciclagem mental dos humanos, fazer uma verdadeira lavagem cerebral em relação ao desmatamento, poluição e depredação de si próprio." (Concordo: depredação de si mesmo é "oríveu".)

"O seringueiro tira borracha das árvores, mas não nunca derubam as seringas." (Estas podem se derrubadas porque são descartáveis.)

"A concentização é um fato esperançoso para todo o território mundial." (Haja fé!)

"Vamos deixar de sermos egoístas e pensarmos um pouco mais em nós mesmos." (Que pérola!)

"O sero mano tem uma missão..." (A minha por exemplo, é ter que ler isso!)

"O Euninho já provocar secas e enchentes calamitosas..." (Levei uns minutos para identificar o El Niño...)

"Até a Xuxa hoje em dia se prelcupa com a situação dos animais" (É por causa da globalização.)

"Na Amazonas está sendo a maior derrubagem e extração de madeira do Brasil." (A culpa é dos carregadores.)

"O problema ainda é maior se tratando da camada Diozônio! (Gente, eu não sabia que a camada tinha esse nome bonito)

"Enquanto isso os zoutros tudo baixo nive... (Seja sempre você mesmo.)

"A situação tende a piorar: o madereiros da Amazônia destróem a Mata Atlântica da região." (E além de tudo, viajam pra caramba, hein?)

"O que é de interesse coletivo de todos nem sempre interessa a ninguém individualmente." (Entendeu...?)

"Não preserve apenas o meio ambiente e sim todo ele." (Faz sentido.)

"O grande problema da Rio Amazonas é o pesca dos peixes. (Achei que fosse a pesca dos pássaros.)



PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Ronaldo Martins (<http://www.ronaldomartins.pro.br>)

"É um problema de muita gravidez." (Com certeza ... se seu pai usasse camisinha não leríamos isso!)

Pérolas?

Atualizada em 8 de Outubro de 2002 15:46

SÍRIO POSSENTI

especial para a PrimaPagina

Sempre que ocorre uma dessas provas com grande concentração de alunos (Enem, Provão, vestibulares etc.), aparecem listas de "pérolas" que teriam sido produzidas pelos estudantes. Estranhamente, não se divulgam textos ou frases interessantes, menos ainda alguma análise dos problemas encontrados e muito menos alguma organização dos dados, que, eventualmente, serviria até mesmo para orientar práticas escolares.

O fato é sintoma de várias coisas: a) nós nos divertimos com os problemas e as fraquezas dos outros - o que é do âmbito da cultura, por um lado, e da psicanálise, por outro; b) exibimos nossa enorme ignorância, às vezes mais grave que a dos candidatos de quem rimos, porque supomos que o pouco que sabemos é muito; c) passamos longe de qualquer preocupação ética (afinal, as provas não são peças públicas...).

Há alguns dias, recebi uma lista dessas pérolas, coisa que ocorre todos os anos. Já ouvi coisas semelhantes em programas de humor, o que me leva a pensar que algumas dessas pérolas sejam falsificadas. A lista contém "pérolas" de natureza variada, seguidas de comentários pretensamente engraçados, que estão entre parênteses. Vou mencionar e comentar alguns casos.

a) "Hoje endia a natureza..." (Muito bem! não usou *m*, e sim *n*, porque *m* só antes de *p* e *b*, não é mesmo!). O comentário pretende ser jocoso, mas ele poderia ter sido feito a sério, ou seja, poderia haver uma tentativa de compreender o que leva alguém a escrever "endia" ao invés de "em dia". Os que estudam isso sabem que se trata de um *vocabulo fonológico*, ou seja, de uma seqüência que se enuncia como se fosse uma só palavra, especialmente, no caso, em conseqüência do fato de a preposição "em" ser átona. Que um aluno de Enem cometa esse erro de grafia no final do segundo grau é, evidentemente, um problema. Que um corretor - ou alguém com acesso às provas - só se divirta com isso é um problema bem mais grave. O erro do aluno denuncia um fato de língua; o do corretor, a ignorância de seus efeitos na escrita. Em tempo: o comentário, se feito a sério, apanharia um dado de competência do aluno: de fato, pelas regras ortográficas, nessa posição só se usa *m* diante de *p* e *b*. O que ele sabe não vale nada? Em tempo: no final do comentário o ponto adequado seria o de interrogação...

b) "No paíz enque vivemos, os problemas cerrevelam...". (Outro erro acertado, usou 2 erros. Muito bem!). Quase poderia repetir aqui o comentário acima. O que mostra também que os "erros" se repetem, são regulares (endia, enque) e as soluções, embora erradas, são inteligentes (em "cerrevelam", a ocorrência de *rr* é obviamente um sintoma de conhecimento de regras de grafia). E o que seria um *erro acertado*? Sendo maldoso, diria que é uma pérola...

c) "...provocando assim a desolação de grandes expécies raras." (Vocês não sabiam que os animais também tem depressão? Quanto ao resto, não tem como justificar!). Os problemas do texto do aluno são óbvios. Mas os do comentário são mais graves: 1) passar de *desolação* para *depressão*, nesse contexto, é mais que uma licença, é maldade ou ignorância. De fato, o que seria *depressão* de espécies raras? 2) E por que não tem (sic!) como justificar o resto? O que é que não há como justificar? A grafia "expécies"? Ora... A ocorrência de "grandes" com "raras"? Talvez. A formulação clara do problema mostraria que pelo menos alguém sabe o que faz.

d) "Nesta terra ensi plantando tudo dá." (Isto deve ser o português arcaico que Caminha escrevia...). Ora, a frase é dele mesmo... Pode não ser o caso de se tratar de português arcaico, mas de grafia antiga, o que é bem diferente. Pode ser que Caminha não tenha escrito "ensi" (não tenho aqui o original da carta), mas o comentário revela algum faro. Em documentos antigos encontram-se grafias como *dehum* (de um), *esem* (e sem), *deletras* (de letras), *apartir* (a partir), etc. Grafia é lei, não é língua.

e) "Os homens brasileiros, estão acabando com tudo, as árvores para desmartar para fazer tauba e outra coisa." (Alguém aí sabe o que é tauba?). Eu perguntaria: alguém aí não sabe o que é *tauba*? Nunca ouviu Adoniran Barbosa (*tauba de tiro ao alvaro*)? Santa ignorância!!! E *desmartar*, com um erro de grafia que o curioso verá como efeito da queda dos erres em final de sílaba, o que eventualmente leva à hipercorreção (*desmartar*)? Caso interessantíssimo!

f) "O Euninho já provocar secas e enchentes calamitosas..." (Levei uns minutos para identificar o El Niño...). Eu identifiquei na hora. Tempo dedicado à leitura? Pode ser. Mas, aqui, o maior problema pareceria ser a ocorrência de *provocar* em vez de *provoca*. Mas muitos erres de final de verbos só ocorrem na escrita... (ver o caso anterior, diferente, mas semelhante).

g) "O que é de interesse coletivo de todos nem sempre interessa a ninguém individualmente." (Entendeu...?). Claro! Como seria possível não entender, se o traço mais óbvio do trecho é a redundância?

h) "Não preserve apenas o meio ambiente e sim todo ele." (Faz sentido.) Dita a sério, a frase é realmente estranha. Mas, e se fosse humor?